

João Müsch e Leopoldo Machado em seus (des)caminhos: Perspectivas Educacionais em Nova Iguaçu (1930 – 1965)

Leonardo Luiz da Silvaⁱ 

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

1

Resumo

A educação iguaçuana ao longo de sua trajetória, vem se desenvolvendo gradativamente cercada por diversos processos formativos. Logo, vale ressaltar que são esses processos os principais responsáveis pela constituição social, econômica e cultural da cidade, que não apenas está circunscrita aos limites do município, mas perpassa e transcende suas fronteiras. Partindo da Pesquisa Histórica enquanto metodologia, destaco as disputas educacionais entre o padre João Müsch e o professor Leopoldo Machado, criador do Ginásio Leopoldo, na década de 1930. Como resultado desses embates, surge o Ginásio de Santo Antônio. Em diálogo com Azeredo (1980) e Chartier (2011), intensifiquei a pesquisa sobre estas duas escolas que despontavam na Baixada Fluminense, no Distrito-Sede de Iguaçu, e que ganham notoriedade na medida em que vão se desenvolvendo com a cidade. Ressalto, portanto, que este trabalho é fruto de uma dissertação em andamento. Como resultado, pode-se apontar que o conflito entre os dois intelectuais fez germinar duas das mais importantes instituições escolares de Nova Iguaçu.

Palavras-chave: Educação. Religião. História da Educação. Nova Iguaçu. Baixada Fluminense.

João Müsch and Leopoldo Machado on their (mis)paths: Educational Perspectives in Nova Iguaçu (1930 – 1965)

Abstract

Throughout its history, education in Iguaçu has gradually developed, shaped by various formative processes. It is important to emphasize that these processes have been primarily responsible for the city's social, economic, and cultural constitution — a dynamic that not only operates within the municipality's geographical boundaries but also transcends them. Using Historical Research as a methodological approach, this study highlights the educational disputes between Father João Müsch and Professor Leopoldo Machado, founder of Ginásio Leopoldo, in the 1930s. As a result of these confrontations, the Ginásio Santo Antônio was established. In dialogue with Azeredo (1980) and Chartier (2011), I deepened the investigation into these two educational institutions, which emerged in Baixada Fluminense, in the Iguaçu District Headquarters, and which gained increasing prominence as the city developed. It is important to note that this work is part of an ongoing master's dissertation. As a partial result of this research, it can be argued that the conflict between these two intellectuals fostered the emergence of

two of the most significant educational institutions in the history of New Iguaçu.

Keywords: Education. Religion. History of Education. Nova Iguaçu. Baixada Fluminense.

1 Introdução

2 Este estudo tem como objetivo, investigar aspectos das trajetórias de vida do professor Leopoldo Machado e do padre João Müsch, buscando compreender dimensões relacionadas ao desenvolvimento de Nova Iguaçu e o papel central do ensino confessional neste contexto citadino. Assim, problematizo os conflitos educacionais ocorridos entre estes dois intelectuais, dedicando-me também a examinar a atuação das Irmãs Franciscanas de Bonlanden, e a relevância de suas contribuições nesse processo.

Dessa forma, traço um possível entendimento, a partir dos documentos encontrados, de como aconteceram as redes de sociabilidades e de solidariedades existente entre eles (Sirinelli, 2003). O recorte temporal de 1930 a 1965, é delimitado neste trabalho por ser 1 de fevereiro de 1930 a data fundação do Ginásio Leopoldo pelo professor Leopoldo Machado, seu idealizador e 06 de dezembro de 1965 a data do falecimento do padre João Müsch.

Leopoldo e João ocupam este território no qual se encontram e vivem, cada um a seu modo, construindo práticas culturais (Chartier, 2002). Logo, é possível indiciar que Machado e Müsch foram construindo práticas culturais que, de algum modo, concorreram para o despontamento de representações sobre a educação. Tais representações, sob hipótese alguma, devem ser compreendidas como abstrações; antes mais, porque fruto de suas experiências vivenciadas, se constituíam como o resultado do que acreditavam ser o ideal para aquela localidade.

Ao analisar essas práticas culturais onde tais sujeitos se posicionam e, então, constroem suas representações sociais, me proponho a investigar algumas das iniciativas que foram encampadas por eles, entre 1930-1965, nas diferentes localidades que, juntas, formavam o município de Iguaçu. Tal movimento vai ao encontro do fazer do historiador que, calcado em signos de realidade e em diálogo com os vestígios localizados, vai inquirir os documentos e, em certa medida, fazê-los

“falar” (Ginzburg, 1989), isto é, produzir uma das compreensões possíveis sobre essa Iguaçu em ebulição.

2 Metodologia

Partindo da Pesquisa Histórica enquanto metodologia, cruzando informações com o periódico local, *Correio da Lavoura* e nos documentos digitalizados e disponibilizados pelo Centro de Documentação e Imagem da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Campus Nova Iguaçu (CEDIM – UFRRJ/NI), busquei produzir interlocuções com autores que tratam das lutas de representações e que, em alguma medida, se relacionavam com o território de Iguaçu.

Neste sentido, busquei em Azeredo (1980), compreender algumas das ações empreendidas pelo pároco ao transitar pelas terras iguaçuanas, entendendo esse movimento como “luta de representações” (Chartier, 2011). As representações, então, são formas de mediação cultural e social que interpretam e transformam a realidade, sendo ao mesmo tempo produtos e produtoras de diferentes configurações sociais. Assim sendo, Chartier (2011), aborda, ainda, a ideia de que a separação entre o que é “real” e o que é “ficcional” muitas vezes é borrada, pois ambos os campos constroem formas de entender o passado e o presente.

Ao mesmo tempo, discute como as representações são moldadas pelas práticas sociais e culturais, e como o historiador precisa estar atento ao seu papel em interpretar essas representações, compreendendo-as dentro de seus contextos. Assim, Chartier (2011), quer sublinhar a força e a influência das representações na formação da realidade social, destacando que elas não são neutras, mas carregam intencionalidades e estão inseridas em relações de poder. Para o autor, são construções sociais das experiências históricas, nas quais os agentes e as comunidades projetam suas experiências e suas vivências.

Logo, é possível que haja lutas de representações, a depender de como os sujeitos vão interagindo com o meio onde operam, mesmo sem terem total noção do que estavam fazendo naquele momento (Silva; Lemos, 2013), nestas lutas de representações, resultando em algumas demandas sociais locais. São estas

disputas educacionais entre eles que concorreram para a construção de uma nova escola, o Ginásio Santo Antônio, abordado neste trabalho.

Assim, discuto as questões relacionadas ao Distrito-Sede de Iguaçu, tomando como eixo central as “disputas educacionais” entre duas escolas em particular: de um lado, a fundada pelo padre João Müsch, em 1935 – Ginásio Santo Antônio, que atualmente é conhecido como Instituto de Educação Santo Antônio (IESA);¹ do outro, o Ginásio Leopoldo², fundado pelo professor Leopoldo Machado em 1930, e que atendia de forma municipalizada a população local. Logo, é importante conhecer como estes embates se dão em suas multiplicidades de relações acontecidas nos diversos espaços sociais e nos tempos decorridos, bem como no que se apresenta nos vestígios encontrados.

Nessa perspectiva, entende-se ser papel do historiador revisitar, sempre que possível estes passados (“diferentes presentes”), na tentativa de compreender melhor o que está sendo pesquisado. Neste perscrutar, pude conversar com pessoas, alunos dos dois colégios, profissionais que atuaram sobre as escolas e fui encontrando vestígios (Ginzburg, 1989) que indiciam ser a classe intelectual da cidade oriunda destas escolas.

Vale salientar que durante as visitas empreendidas aos colégios, procurei traçar um paralelo entre as instituições e as relações que ligam os principais pontos encontrados com as possíveis histórias de Nova Iguaçu e assim, propor uma compreensão de como estas escolas se consolidaram através do tempo, tornando-se referenciais na localidade.

3 Resultados e Discussões

Essas redes tecidas por Leopoldo se constituem como fundamentais para a implementação de seu “projeto” de ensino. Afinal, entendo não ser possível uma

¹ O Instituto de Educação Santo Antônio, no ano de 2025 completa 90 anos. Para saber mais, ver: <https://www.iesa-colegiodasirmas.com.br/>. Acesso em 19/08/2024.

² O Colégio Leopoldo Machado completaria 94 anos em 2025. Hoje a Instituição encontra-se fechada desde o falecimento de seu último diretor Paulo de Tarso Machado de Barro, conhecido carinhosamente como Paulinho Leopoldo. Para saber mais, consultar: <http://www.colegioleopoldo.org.br/index.html>> Acesso em: 02/08/2024.

unidade escolar se estabelecer em determinado lugar, sem criar um diálogo com a sociedade na qual esteja inserida. Dentre estas, há algumas relações que são marcantes, haja vista o fato de o professor Leopoldo Machado ser amigo do jornalista Silvino Hipólito de Azeredo, idealizador e diretor do jornal *Correio da Lavoura*³.

Essa aproximação entre estes sujeitos, torna possível a divulgação do Ginásio no periódico, o que poderia contribuir para a captação de mais alunos para a instituição, além de fortalecer os laços entre eles. Convém ressaltar que tal relação entre os intelectuais é percebida nos registros imagéticos disponibilizados no site da instituição, nos arquivos da escola e no próprio *Correio da Lavoura*, onde identifiquei Silvino e Leopoldo juntos na inauguração da referida escola.

Enquanto o Ginásio Leopoldo se desenvolve, o padre João Müsch chega para se estabelecer na cidade e alega encontrar a localidade “carente” de aparatos educacionais e muito inclinada ao Espiritismo⁴ (Azeredo, 1980; Bretas, 2006; 2012). Para Lang (2008), a doutrina espírita era fortemente propagada entre intelectuais que vão se difundindo no Brasil até criarem a Federação Espírita Brasileira - FEB em 1884.

O espiritismo logo chegou ao Brasil, trazido pelos médicos homeopatas e também médiuns Bento Mure e João Vicente Martins, em 1840, sendo aceito por um grupo de médicos também homeopatas do Rio de Janeiro que formaram o Grupo Confúcio. O grupo recebeu uma mensagem espiritual informando que o Brasil fora escolhido como o país para o qual iria se transplantar a ‘árvore do Evangelho’, onde o espiritismo iria se desenvolver. Ismael, mensageiro de Jesus, foi encarregado de cuidar do espiritismo no país. O espiritismo se difundiu, vários grupos se formaram e, em 1884, foi fundada a Federação Espírita Brasileira com o fito de reuni-los (Lang, 2008, p. 175).

³ O Jornal *Correio da Lavoura* foi criado por Silvino Hipólito de Azeredo em 22 de março de 1917 sendo um dos vinte jornais mais antigos do Brasil ainda em circulação (Mercês, 2023). Vale ressaltar que O *Correio da Lavoura* vem sendo estudado por diferentes pesquisas e em diferentes momentos. A esse respeito, dentre outros, conferir: (Alexandre, 2013, 2014, 2015, 2017, 2021); (Braz, 2018); (Dias, 2014, 2016, 2018); (Nascimento, 2014); (Silva, 2013); (Neves, 2017); (Souto, 2014).

⁴ O Espiritismo (Kardecista) é uma doutrina criada por Hipolyte Léon Denizard Rivail que trocou seu nome para Allan Kardec buscando diferenciar sua carreira educacional da espírita. Para saber mais (Brettas, 2006; 2012).

Tal registro encontra ecos na voz de seu memorialista, Luiz Martins de Azeredo, que passou a ser diretor do jornal, a partir da morte de seu pai, Silvino Hipólito de Azeredo – primeiro fundador – falecido em 25 de dezembro de 1935. Segundo Azeredo (1980), Müsch afirma, ser Leopoldo Machado, o principal responsável por tal influência, o que o religioso trata como sendo um “perigo”. Quanto à crença em âmbito escolar, o professor Leopoldo assegurava ser o ensino oferecido por seu ginásio, isento de uma religião dogmática, chegando inclusive a deixar isso muito bem esclarecido em suas entrevistas e publicações. A edição 668 de 2 de janeiro de 1930 do *Correio da Lavoura*, corrobora com a fala de Machado, trazendo em uma de suas colunas a seguinte informação:

Religião – A moral christã é a base da educação espiritual do Gymnasio. Comtudo, não se ensina nenhuma religião dogmatica. É permitida a liberdade de creanças, que é, aliás, uma das mais bellas prerogativas do espirito humano. O Gymnasio deixa, pois, aos cuidados paternos, a formação religiosa de seus alumnos (Correio da Lavoura, 1930, p. 2).⁵

No que se refere, especificamente, ao espiritismo, convém destacar que tal corrente religiosa chega ao Brasil com suas modulações e influências francesas de origem kardecista na segunda metade do século XIX e a partir daí vai ganhando repercussão, sobretudo, na capital federal à época, o Rio de Janeiro (Lang, 2008).

Neste momento, o espiritismo ainda era alvo de perseguições no território brasileiro. Sua chegada e perpetuidade no Brasil tornam-se alvo de diversas análises e reprovações neste momento (Arribas, 2008). Declarar-se espírita em um país denominado católico na década de 1930, embora já houvesse avanços significativos, ainda era bem desafiador.

Não podemos esquecer que em 1890 o Código Penal Brasileiro criminalizava o Espiritismo e como consequência, eram distribuídas prisões e multas para os que fossem acusado da prática⁶ (Muniz, 2010). Leopoldo, ao chegar no Rio de Janeiro, começou a tecer suas relações e foi muito bem acolhido pela FEB, órgão

⁵ Obedecida a grafia original.

⁶ Espiritismo era crime no Código Penal de 1890, punido com até 6 meses de prisão. Reportagem de Ricardo Muniz, no G1 em 02 abr. 2010.

desenvolvido por intelectuais que aderiram à filosofia Kardecista (Lucena; Godoy, 1982).

Entretanto, para o padre Müsch e parte dos que professavam a fé católica, isso representava um agravo (Azeredo, 1980). Assim sendo, acredito ser este o principal motivo pelo qual Leopoldo enfatiza ser a sua escola laica, não exercendo nenhum tipo de influência religiosa sobre seus alunos. Para Lang (2008), a doutrina espírita era fortemente propagada entre intelectuais que vão se difundindo até criarem a FEB em 1884.

Nessa perspectiva, Leopoldo segue abraçando a filosofia espírita publicamente, porém, negando que esta exerça influência sobre a educação oferecida pelo ginásio. Ao analisar as obras realizadas pelo professor Leopoldo, observa-se que ao mesmo tempo em que dirigia a escola, se dedicava também ao espiritismo participando ativamente da criação de vários movimentos religiosos fora da instituição de ensino, tais como: Mocidade Espírita, Escola Espírita de Evangelização para Infância, Tardes Fraternas e os Congressos realizados por todo o Brasil⁷ (Lucena; Godoy, 1982).

O fato do professor ser espírita, por si só, não podia representar um problema, entretanto, por ser este um intelectual e exercer muito bem o poder da oratória, poderia, de acordo com Müsch, influenciar seus alunos à prática, pois a doutrina espírita encontrava ecos na cultura escolar por ele oferecida, haja vista o uso dos uniformes, os cantos orfeônicos e as atividades físicas.

Para Vidal (2009), este é um exercício de investigação a ser feito a partir, também, dos vestígios perscrutados junto às práticas e aos usos cotidianos empreendidos pela comunidade escolar (professoras/es, alunas/os, responsáveis, funcionárias/os etc.). Assim sendo, escrutinar as relações entre o ensino confessional e as culturas escolares produzidas nestes espaços, dialogam com as proposições de Chartier (1990), já que os discursos não são neutros, antes produzem estratégias sociais, escolares e políticas.

⁷ Leopoldo Machado ganhou destaque entre os de sua fé como alguém de muita vocação e devoção em despertar, preservar e expandir os princípios de sua religião criando tais movimentos. Para saber mais ver; disponível em: <https://www.feig.org.br/2018/07/04/leopoldo-machado/> Acesso em: 17 set. 2024.

Estes atravessamentos são percebidos na estrutura educacional do Ginásio Leopoldo. Para Julia (2001), esta cultura não deve ser estudada sem um olhar atento para as relações conflituosas que surgem desses/nesses ambientes. De acordo com Vidal (2009), observar a escola sob a perspectiva das “culturas escolares” possibilita uma compreensão ampliada de múltiplos aspectos historicamente relacionados à construção de sentidos sobre a educação, a sociedade e a cultura.

8

A autora propõe que, ao investigar os ambientes de ensino a partir desta mirada — que abrangem práticas, valores, rituais, normas e interações específicas desse ambiente —, torna-se viável entender, de modo mais profundo, como a instituição escolar se articula, através do tempo, com as dinâmicas sociais e culturais mais amplas. Esse enfoque viabiliza uma análise histórica mais densa e contextualizada, destacando o papel da instituição e do processo educacional na construção, consolidação e transformação dos significados socioculturais sobre educação, identidade e comunidade.

Nesse sentido, Vidal (2009) indica que a escola transcende sua função como espaço de ensino, constituindo-se também como um espaço simbólico que reflete e influencia os diversos contextos. Para Müsch, a cidade estava correndo risco de ser influenciada pela filosofia espírita pregada por Leopoldo. Até que, aquilo que para o padre, se tornava alvo de suas inquietações, se encarnou em uma carta endereçada ao Bispo solicitando autorização para a construção de uma escola que oferecesse um ensino pautado no que propunha o catolicismo.

O pároco leva adiante seu projeto, mesmo imbuído de tantas responsabilidades, pois, já estava liderando a Igreja de Santo Antônio do Jacutinga em Nova Iguaçu, e assumiu posteriormente as paróquias de Nossa Senhora da Conceição de Nilópolis em 1941, e as igrejas de Nossa Senhora da Conceição de Japeri e Queimados em 1949⁸ Azeredo (1980) Assim, assumiu também a responsabilidade de construir a referida escola, o que se tornava um desafio. Com a

⁸ Mesmo ciente da importância destas igrejas na trajetória do padre João Müsch, não é do escopo deste trabalho detalhar suas características.

autorização do Bispo, a escola pôde ser implementada, começando ali mesmo nas dependências da própria igreja.

Assim, o padre inicia a captação de agentes para a execução de seu projeto: o estabelecimento de uma instituição confessional no Distrito-Sede que divulgasse, para além das letras, os preceitos católicos. De posse dessas considerações, vale ressaltar que as ações do padre, vão ao encontro do que Sirinelli (2003) estabeleceu como possibilidades de ações dos intelectuais em, pelo menos, dois âmbitos: os itinerários intelectuais e as redes de sociabilidades.

O campo de ação dos itinerários estabelece como eixo uma aproximação mediada por algo em comum que conecte diferentes sujeitos em torno de um objetivo. Neste caso, a questão religiosa é o elo entre João Müsch e os agentes por ele cooptados, dentre os quais destacamos as Irmãs Franciscanas de Bonlanden que ao chegarem a Nova Iguaçu e firmarem residência no local, foram aos poucos “convencidas” pelo padre a somarem forças nesta empreitada.

Para Azeredo (1980), no início a jornada não foi fácil, as freiras não viam razões para construírem escolas naquele momento, visto que os colégios da região, inclusive o Ginásio Leopoldo, já estavam desenvolvendo bons trabalhos na educação local. O professor Leopoldo já tinha instalado até o Curso Normal em seu ginásio, atendendo as prerrogativas necessárias para a realização do ensino secundário.

O avanço de Leopoldo em prosseguir com o ensino secundário e abrindo as portas para abrigar o Curso Normal deixa o padre preocupado (Azeredo, 1980). Assim, fica registrada a preocupação do padre com a situação em voga numa carta onde recorre ao Bispo buscando apoio. Para Silvino de Azeredo, fundador do *Correio da Lavoura*, a iniciativa de trazer conhecimento formal por meio de uma instituição que oferecesse o ensino secundário era algo perfeitamente aceitável. Por essa razão se tornou o maior incentivador e divulgador do novo empreendimento educacional, assim como foi em 1930 ao anunciar em suas páginas o surgimento do Ginásio Leopoldo.

Com isso, ambas as escolas cresciam e se desenvolviam no Distrito-Sede, fazendo com que aquilo que, a princípio, parecia ser uma disputa educacional com

fundo religioso, se transformasse em fortes educandários onde seus métodos de ensino pudessem atribuir características às histórias da cidade, vindo a se enquadrar com alguns dos, por assim dizer, padrões da modernidade iguaçuana que vigoravam naquele momento. Em consonância com o enfoque foucaultiano de modernidade, que compreende o poder como algo difuso, incorporado em instituições e relações sociais, podemos observar a atuação do professor no Distrito-Sede de Iguaçu como um exemplo dessa relação de forças.

10

Esse processo representa o que Foucault (2013) descreve como uma “microfísica do poder”, onde o conhecimento e as interações se entrelaçam para formar uma rede de influência sobre o contexto sociocultural. Entretanto, a chegada do padre João marca uma mudança nessa configuração, uma vez que ele traz consigo um modelo de domínio/autoridade ligado à tradição católica. Isso gera uma tensão com o campo de influência estabelecido pelo professor, refletindo o embate entre diferentes formas de racionalidade e controle que caracteriza a modernidade foucaultiana.

O padre introduz uma “forma de poder” distinta, buscando moldar a comunidade por meio de práticas religiosas e morais, o que representa uma tentativa de redefinir os espaços e as relações sociais no local. Assim, a modernidade, nesse contexto, revela-se como um espaço de disputa entre saberes e práticas que estruturam e reorganizam a experiência social e a formação da subjetividade na região. Foucault (2013), quando aborda a modernidade como uma atitude, não a define apenas como um período histórico ou um conjunto de transformações sociais e econômicas, mas como uma postura crítica e reflexiva diante do presente.

Para pensar sobre isto, revisita a ideia de moderno a partir da obra de Kant. Para Foucault (2013), modernidade é uma postura que envolve adotar uma análise frente à própria época, questionando as normas, os valores e as verdades estabelecidas. Essa atitude é marcada pela reflexividade, ou seja, a capacidade de pensar sobre as condições presentes da existência e sobre como as estruturas de poder e saber moldam a vida. Nesse sentido, ser moderno, é ter a coragem de

encarar o presente com uma conduta crítica, indagando como as coisas se tornaram aquilo que nos familiarizamos a conhecer.

A partir daquele momento, o pároco dedicou-se à promoção de uma escola que possibilitasse o ensino religioso superando com êxito os obstáculos, até mesmo os financeiros, sendo a pedra fundamental lançada em 10 de outubro de 1935. Para esta compreensão, destaco, aqui, as redes de sociabilidades que foram entretecidas por Leopoldo e João que, na condição de intelectuais mediadores (Gomes; Hansen, 2016), preocupados com o processo educacional de seu tempo, se veem diante dos diversos contextos sociais locais, cada um a seu modo.

De acordo com o que propõe Sirinelli (1999), quando apresenta os três aspectos para a compreensão da intelectualidade como geracional, por meio dos itinerários intelectuais e através das redes de sociabilidades, pretendo escrutinar as relações entre estes sujeitos. Com isso, busco articular essa dinâmica com as histórias dos intelectuais da educação nos diversos contextos sociais, ancorados na multiplicidade dessas redes e perpassadas por suas diversas trajetórias (Alves, 2019). Para discutir a noção de espaço, busco em Cunha (2008) um entendimento que leve em consideração as relações que nele ocorrem, como atritos, conflitos, embates, acordos e desacordos, criando e recriando possibilidades históricas.

A partir do pensamento da autora posso inferir que os territórios não são neutros, ou seja, são campos de conflitos constantes, onde seus agentes ora se aproximam, ora se distanciam, porém sempre estão produzindo relações sociais. O Ginásio Leopoldo e o Ginásio Santo Antônio estão em extremos opostos na mesma cidade, exercendo suas zonas de influências a partir da educação. Ainda dialogando com Cunha (2008), entendo este espaço físico se transformando em um lugar mediante os sujeitos que nele habitam, dimensão humana, e construindo territorialidades à medida em que vão fixando e se estabelecendo nestes espaços, contudo, sem negligenciar o espaço temporal e as territorialidades do período (Albuquerque Junior, 2008).

As ruas também podem ser vistas como um espaço de resistência e de manifestação, onde reivindicações sociais e políticas são feitas. Além disso, também são importantes na estruturação da vida urbana, pois nelas se desenvolvem

dinâmicas econômicas, culturais e sociais que são fundamentais para o funcionamento das cidades e para a integração das comunidades. Para Chartier (1982), estudá-las seria procurar compreender a realidade dos diferentes contextos sociais em que cada sujeito está inserido.

Na tentativa de refazer o caminho com olhar atento ao que pode aparecer a qualquer momento, seguimos o fluxo como um rio que em algum momento encontramos profundidades, em outros passamos por afluentes mais rasos e em outros tantos, nos encontramos submergidos totalmente pela pesquisa a ponto de inventarmos e nos reinventarmos ousadamente.

De acordo com Azeredo (1980), as Irmãs ficaram um ano em Barra do Piraí, aprendendo a língua e fazendo estágio; em 1935 vieram para Nova Iguaçu trabalhar no Ginásio Santo Antônio que, em 1936, ainda estava situado no terreno ao fundo da atual Igreja matriz de Santo Antônio de Jacutinga. Em 1936, começa a ofertar o curso primário e normal e, em 1938, possuía o curso secundário, sendo designado como Ginásio Santo Antônio e em 1964, mudando para Instituto de Educação Santo Antônio - IESA (Azeredo, 1980). Assim, o então IESA, começou suas atividades educacionais e aos poucos foi construindo uma história na cidade. Ancorada nos dogmas católicos, a instituição se mantém firme até hoje desenvolvendo uma educação calcada na fé católica.

3.1 Interrogando o “passado”: a emergências das escolas a partir dos indícios mobilizados.

Sobre o IESA, vale ressaltar que a instituição segue administrada pelas Irmãs Franciscanas de Bonlanden atendendo parte significativa da população de Nova Iguaçu. Atualmente tanto as freiras, quanto os demais colaboradores se esforçam em manter, seu Projeto Educativo norteado pela confessionalidade católica. Partindo da perspectiva de que a história se constitui mediante o esforço do fazer histórico e não do simples fato de narrar, contar e recontar (Certeau, 2011), compreender o ofício do historiador é um desafio que circunda as buscas de quem pesquisa, faz e/ou produz história (Certeau, 1982).

Michel de Certeau, em seus estudos nesta área, abordou o conceito de operação historiográfica como um processo complexo, que envolve desde as práticas sociais, onde afirma que essa escrita da História não pode ser entendida de forma isolada, pois está imersa em uma construção atrelada ao contexto social, político e cultural de sua época, até o desenvolvimento dos discursos, baseados em suas realidades e o conhecimento que emerge destas práticas e narrativas. Logo, na perspectiva de Certeau (1982), a história é interpretada e apresentada com base nos documentos disponíveis e nas convenções de como deve ser contada, revelando o papel ativo do historiador na construção narrativa.

A historiografia, então, não apenas produz interpretações sobre o passado, mas é também uma prática social que dialoga com o presente e influencia a maneira como as sociedades percebem sua própria história (Certeau, 1982). Dessa forma, ele argumentava que a historiografia é, portanto, um ato de produção do conhecimento histórico que envolve a seleção de acontecimentos, sua transformação em discurso e sua legitimação como conhecimento por meio de instituições. Isso revela o caráter ativo e subjetivo da escrita da história. A história, portanto, vai além de simplesmente relatar fatos, pessoas ou eventos.

Dialogando com Silva e Lemos (2013), procuro estabelecer interlocuções com autores que me possibilitem refletir sobre o papel do historiador, que não se resume à busca por respostas definitivas, mas sim por indícios (Ginzburg, 1989). Segundo essa perspectiva, o método indiciário destaca o papel do historiador como alguém que investiga detalhes aparentemente insignificantes, conectando-os para reconstruir narrativas ocultas nos vestígios deixados pelo passado. Assim, a prática historiográfica exige um rigor investigativo e reflexivo, configurando-se como uma possibilidade de interpretar e dar sentido às múltiplas facetas da experiência humana.

Afinal, tal esforço envolve perscrutar as maneiras como determinadas características passaram a se configurar como necessidades, possibilidades e exigências sociais de uma delimitação populacional e territorial. Mas não só isso. No que tange, ainda, às dificuldades envolvidas nesse exercício, devem ser acrescidas as inquietações de Carlo Ginzburg de que não devemos

nos aproximar da realidade como algo “domesticado”, “encontrando aí o que já sabíamos de antemão” (Silva; Lemos, 2013, p.61).

Desse quadro geral, é possível estabelecer um diálogo com o historiador Carlo Ginzburg (1989) a partir, e em função, do paradigma indiciário. Ele argumenta que é possível interpretar eventos históricos empregando algumas das estratégias mobilizadas por um detetive ao investigar um crime. Ou seja, por meio de indícios, pistas e sinais que, embora fragmentados ou aparentemente irrelevantes, podem revelar dimensões mais complexas e profundas acerca de determinado acontecimento.

Para Ginzburg (1989), o paradigma indiciário se baseia na capacidade de reconstruir uma realidade a partir de detalhes aparentemente insignificantes, pistas ou vestígios, numa abordagem que rejeita explicações totalizantes em favor de uma análise mais minuciosa e interpretativa. Ancorado, também, nesses alertas sinalizados por Ginzburg (1989), busquei realizar uma exegese daquilo que localizei enquanto pesquisava Leopoldo Machado e João Mûsch no Distrito-sede de Iguaçu, como também, suas ações e relações que incidiam sobre o espaço em que estavam inseridos.

A partir das contribuições de Jean-François Sirinelli (2003), entendo que embora estes sujeitos se afastem no aspecto geracional, acabam se aproximando no âmbito dos itinerários intelectuais, já que ambos aplicam efetivamente suas práticas educativas a partir da constituição de escolas. No que tange às redes de sociabilidade, os intelectuais de Iguaçu foram entrelaçando suas relações não apenas no âmbito local, com o periódico *Correio da Lavoura* como mediador, mas também expandindo suas conexões para além desse território.

Nesse contexto, Leopoldo Machado destacou-se ao estabelecer redes de interação com base na crença espírita, enquanto João Mûsch articulava colaborações com figuras como as Irmãs Franciscanas de Bonlanden, em Barra do Piraí, fortalecendo suas influências através desses vínculos. Logo, o exercício de compilar os documentos produzidos por esses sujeitos, assim como acontecimentalizá-los (Foucault, 1978) é realizado pelo historiador que vai até o “passado” para interrogar as evidências que este deixou (Albuquerque Júnior, 2019).

Tais indícios são permeados de novidades que surgem como perspectivas para pensar e repensar a prática, refazendo quantas vezes forem necessárias o caminho (Arfuch, 2010).

Cabe ao historiador ir ao passado e interrogar as evidências que este deixou com as perguntas adequadas, munido dos conceitos e métodos apropriados, para este passado oculto revelar-se em sua lógica subjacente, agora por ele percebida, embora, muitas vezes, ignorada por seus próprios agentes (Albuquerque Júnior, 2019, p. 27).

15

Assim sendo, este exercício se torna necessário à medida em que diferentes indícios emergem no cenário da investigação. Para tanto, cabe ao historiador, assim como aponta Albuquerque Júnior (2019), a elaboração das perguntas adequadas para se obter o máximo possível de esclarecimentos ao que me proponho perquirir. Compreender esses passados, analisados sob diferentes aspectos, e questionar os desafios que o próprio ato de investigar o passado nos impõe, é uma tarefa complexa para o historiador.

No intuito de escrutinar estes “outros presentes” que estão incidindo sobre o “objeto” encontrado, recorri aos Ginásios Leopoldo e Santo Antônio, para perguntar, confrontar as fontes, duvidar em alguns casos e até descartar algumas “evidências” que destoavam dos questionamentos iniciais apresentadas pelos sujeitos. Assim como para Certeau (1974), a história consiste, inclusive em produzir documentos à medida em que se recopia, transcreve e se fotografa os objetos. Procurei, de posse dos artefatos encontrados, nos colégios, na Cúria e até nas conversas com professores e outros agentes, transformá-los em um material específico para minha investigação.

Em diálogo com Albuquerque Júnior (2019), entendendo que estou produzindo uma invenção desses “outros presentes”. Esses indícios, ao serem analisados em conjunto com os vestígios históricos, não devem restringir o trabalho do historiador. Pelo contrário, quando combinados com outras pesquisas, podem enriquecer a construção do conhecimento e abrir caminhos para novas investigações. Além disso, esses indícios são valiosos para a compreensão das vivências e trajetórias dos sujeitos históricos, permitindo a articulação entre teoria e

empíria. Na perspectiva de Chartier (1990), essas vivências são entendidas como construções de vida, entrelaçando os aspectos individuais e sociais da experiência histórica.

Para o autor, o conceito de trajetórias de vida refere-se à maneira como a experiência individual e coletiva dos sujeitos é compreendida e construída no seu dia a dia. O autor se interessa pelas formas como as vidas são registradas, interpretadas e representadas. Nesse contexto, as trajetórias de vida não são vistas apenas como uma sequência de eventos biográficos, mas como narrativas que são constantemente reconfiguradas pelas representações e discursos sociais. Para Chartier (1990), as formas como as trajetórias de vida são contadas – seja através de autobiografias, biografias, documentos históricos ou ficção – revelam muito sobre a cultura e o período histórico em que essas narrativas foram produzidas.

Ele investiga como as trajetórias individuais se entrelaçam com a cultura escrita, com as práticas de leitura e com a memória coletiva, demonstrando que as biografias e as histórias de vida são moldadas tanto pelas expectativas sociais quanto pelas formas literárias e documentais da época. Desse modo, as trajetórias de vida, na perspectiva de Chartier (1990), são construções que estão sujeitas às influências das representações culturais e que ajudam a formar a compreensão de identidade, poder e memória histórica. Já Pierre Bourdieu (2013) questiona a ideia de que uma trajetória de vida pode ser facilmente narrada de forma linear e coerente e critica a noção de que a biografia ou a autobiografia podem capturar uma vivência de maneira objetiva, argumentando que um percurso contínuo e lógico é, em grande parte, uma construção artificial, ou seja, não seria fruto de vivências e práticas diárias dos sujeitos.

Nessa medida, sugere ainda que essa visão de trajetória tende a ser uma “ilusão biográfica”, pois impõe uma ordem retroativa sobre eventos passados, criando uma coerência que muitas vezes não existia. Nessa direção, argumenta que as vidas são vividas de maneira fragmentada, em contextos sociais complexos e sob a influência de várias forças externas, como o *habitus* (disposições adquiridas), os campos sociais, culturais e simbólicos (Bourdieu 2013).

O que chamamos de “trajetória” é, portanto, uma reconstrução. Nessa perspectiva, a trajetória de vida deve ser entendida dentro de seu contexto social e das estruturas de poder que moldam as escolhas e oportunidades disponíveis a um sujeito. Com base nas relações construídas por Leopoldo Machado e João Müsch em Iguaçu, proponho uma análise crítica de suas trajetórias, compreendendo-as como construções sociais que não apenas moldaram os contextos em que atuaram, mas também influenciaram diretamente o ambiente ao seu redor.

4 Considerações finais

Levando em consideração que o trabalho até aqui desenvolvido se desenrola a partir de uma dissertação ainda em andamento, implica dizer que não se trata de uma versão final dessa pesquisa. No entanto é possível indiciar que as redes de sociabilidades e solidariedades desenvolvidas pelos intelectuais aqui apresentados foram muito importantes, resultando em duas grandes escolas que buscavam, por meio de uma proposta educativa inovadora, formar a cidade e transformar seus cidadãos para o trabalho e para a vida.

O contexto do Distrito-Sede de Iguaçu, com a presença de Machado e Müsch e suas respectivas influências, não pode ser visto como algo natural ou espontâneo. Ambos tinham intenções de produzir representações específicas na cidade, estabelecendo diferentes relações e redes de poder. O *Correio da Lavoura*, jornal onde se localizavam os anúncios publicizados pelos intelectuais, emergiu nesta busca como principal entrada para indiciar as modificações urbanas daquele momento. O periódico desenvolveu o papel de “porta-voz”, atuando na propagação destas escolas, primeiramente, por ter como lema as divisas: lavoura, higiene e instrução. Desta feita, o diretor do periódico via neste estabelecimento a oportunidade para estimular a instrução entre a população que era carente deste ideal e, em segundo momento, um *locus* de sociabilidade entretecida entre os diferentes sujeitos que transitavam pelo local.

De posse dessas considerações, entendo a relevância do semanário iguaçuano na construção das trajetórias de vida do padre João Müsch e do

professor Leopoldo Machado que encontravam neste ambiente a condição propícia para a expansão de suas escolas. O jornal estava inserido neste contexto mediando as relações desenvolvidas, ora com o professor Leopoldo e seu Ginásio, ora com o padre João e seu Ginásio respectivamente. Se apropriar do periódico para divulgação das referidas instituições, significava para seus administradores, construir relações em prol da educação local.

A possibilidade de tecer estas redes, beneficiariam tanto o jornal que neste momento se colocava como um agente que presta um serviço ao povo, por ser um espaço público para divulgação, quanto aos colégios que certamente teriam um aumento significativo de suas matrículas. Com base nessas considerações, é importante destacar que o Correio da Lavoura desempenhou papel crucial neste trabalho, configurando-se como relevante fonte primária. Suas publicações, matérias e registros imagéticos, forneceram subsídios à análise aprofundada das interações entre a imprensa e as redes de sociabilidades e solidariedades estabelecidas com estes Ginásios.

Logo, o objetivo em compreender as trajetórias de vida do professor Leopoldo Machado e do padre João Müsch, a partir dessas escolas, foi alcançado, uma vez que ambos deixaram como referenciais dois estabelecimentos de ensino que nas décadas seguintes foram se reinventando e se destacando junto a história da cidade. Pensar Nova Iguaçu sem mencionar o Colégio Leopoldo e o IESA seria impossível, visto que suas histórias se confundem com própria história da cidade.

Referências

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. São Paulo: Edusc, 2007.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 10, n. 17, p. 55-56, jan./jun. 2008.

ALVES, Claudia Maria Costa. Contribuições de Jean-François Sirinelli à história da educação. **Revista Educação e filosofia**. Uberlândia, v. 33, n. 67, p. 27-55, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/47879/25775>. Acesso em: 17 jul. 2024.

ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico: dilemas da Subjetividade Contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, espiritismo é religião?: a doutrina espírita na formação da diversidade brasileira**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – PPDS-USP, 2008.

AZEREDO, Luiz Martins de. **Padre João: Apóstolo do bem em Nova Iguaçu**. Nova Iguaçu: Edição da Diocese de Nova Iguaçu, 1980.

19

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. (org.). **Usos e abusos da história oral**. Trad. Glória Rodríguez, Luiz Alberto Monjardim, Maria Magalhães e Maria Carlota Gomes. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. 183-191.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: **Razões práticas**. Sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 2013.

BRETTAS, Anderson C.F. **Eurípedes Barsanulpho e o Colégio Allan Kardec: capítulos de história da educação e a gênese do espiritismo nas terras do Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia / Programa de Pós-Graduação em Educação, 2006. [Dissertação de Mestrado]

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. **A Força das Representações: história e ficção**. Rio de Janeiro: ed. Argos, 2011.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: a História entre certezas e inquietude**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

CORREIO DA LAVOURA: **Nova Iguaçu**, ano 14, n. 715, 27 nov. 1930.

CORREIO DA LAVOURA, **Nova Iguaçu**, ano 16, n. 1167, 3 ago. 1939.

CUNHA, Maria Isabel da. Os conceitos de espaço, lugar e território nos processos analíticos da formação docente. **Educação Unisinos**, 2008.

DE CERTEAU, Michel. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 65-119.

DE CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas: Papirus, 1995.

DE CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DE CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: LE GOFF, Jaques; NORA, Pierre. **História, novos problemas**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

MUNIZ, Ricardo. Espiritismo era crime no código penal de 1890, punido com até 6 meses de prisão. Portal G1, São Paulo, 02 abr. 2010. Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/0,,MUL1554393-5603,00>

ESPIRITISMO+ERA+CRIME+NO+CODIGO+PENAL+DE+PUNIDO+COM+ATE+MESES+DE+PRISAO.html#:~:text=G1%20%3E%20Ci%C3%AAncia%20e%20Sa%C3%BAde%20%2D%20NOT%C3%8DCIAS,at%C3%A9%206%20meses%20de%20pris%C3%A3o>Acesso em: 12 out. 2024.

FOUCAULT, Michael. **Diálogo sobre o poder: estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1979.

FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. In: FOUCAULT, Michel. **Repensar a política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 289-347. (Ditos & escritos, VI.).

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 26. ed. São Paulo: Graal, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo**. In: FOUCAULT, Michel. (org.). Escrita de Si, escrita da História. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004. p. 7-24.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

GINÁSIO LEOPOLDO. APCL. **Termo contratual de professores do Ginásio Leopoldo**. Nova Iguaçu, sem data. Disponível em: <https://www.colegioleopoldo.org.br/nossamemoria.html>. Acesso em: 25 maio 2023.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989. p. 143 - 179.

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (org.). **Intelectuais mediadores: práticas culturais e Ação Política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista brasileira de história da educação**, v. 1, n. 1, p. 9-43, 2001.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. **Espiritismo no Brasil**. Ceru, v. 19, n. 2, dez. 2008.

LUCENA, Antônio de Souza; GODOY, Paulo Alves. **Personagens do Espiritismo**. São Paulo: FEESP, 1982.

O ENSINO em Nova-Iguassu. **Correio da Lavoura**, ano 13, n. 668, p. 2, 2 jan. 1930. Disponível em: <https://rima.ufrj.br/jspui/handle/20.500.14407/1417> Acesso em: 17 set. 2024.

SILVA, José Cláudio Sooma; LEMOS, Daniel Cavalcanti de Albuquerque. A história da educação e os desafios de investigar outros presentes: algumas aproximações. In: FERREIRA, Marcia Serra; XAVIER, Libânia; CARVALHO, Fabio Garcez de (org.). **História do Currículo e História da Educação: interfaces e diálogos**. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2013.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-269.

VIDAL, Diana Gonçalves. No interior da sala de aula: ensaio sobre cultura e prática escolares. **Currículo sem Fronteiras**, v. 9, n.1, p. 25-41, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/CurriculosemFronteiras/2009/vol9/no1/3.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2024.

ⁱ **Leonardo Luiz da Silva**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-7166-7085>

Universidade Federal do Rio de Janeiro; Faculdade de Educação; Programa de Pós-Graduação em Educação.

Formado em Pedagogia e História pela Universidade Estácio de Sá (UNESA), especializado em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela (UNESA); em Neuropsicopedagogia pela Faculdade Internacional Signorelli (FISIG); Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE-UFRJ).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6873637450072051>

E-mail: professorleonardoluiz@gmail.com

Editora responsável: Arlene Stephanie Menezes Pereira Pinto

Recebido em 31 de janeiro de 2025.

Aceito em 5 de maio de 2025.

Publicado em 5 de maio de 2025.

Como citar este artigo (ABNT):

SILVA, Leonardo Luiz da. João Müsch e Leopoldo Machado em seus (des)caminhos: Perspectivas Educacionais em Nova Iguaçu (1930 – 1965). **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 6, n. 1, 2025.